



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC

RELATÓRIO FINAL

(Ago/2006 – Jul/2007)

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA

Percorrendo caminhos epistemológicos da Psicologia Comunitária

NOME DO(A) BOLSISTA: Francisco Gilmário Rebouças Júnior

ORIENTADOR(A) DO PROJETO: Profa. Dra. Verônica Moraes Ximenes

CENTRO/UNIDADE: Humanidades

DEPARTAMENTO/SETOR: Psicologia

LOCAL DE EXECUÇÃO: Núcleo de Psicologia Comunitária

PROGRAMA: Mestrado em Psicologia

DATA DE INÍCIO: agosto/2006 **DATA DA CONCLUSÃO:** julho/2007

APRESENTAÇÃO

| | |
|--|---|
| GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO (CNPq): | Humanas |
| ÁREA DO CONHECIMENTO (CNPq): | Psicologia |
| SUB-ÁREA DO CONHECIMENTO (CNPq): | Psicologia Social |
| ESPECIALIDADE DO CONHECIMENTO (CNPq): | Processos Grupais e de Comunicação |
| NOME DO GRUPO DE PESQUISA: | NUCOM: Identidade, Comunidade e Sustentabilidade (Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq) |

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Psicologia Comunitário (NUCOM) nasceu do desejo de construção de uma Psicologia que se aproximasse das principais questões referentes às comunidades carentes e excluídas socialmente. Tendo como foco de atuação o sujeito comunitário, a comunidade e o modo de vida comunitário, interrelacionando estas categorias, como também, inserindo-se num projeto maior que é a própria construção da Psicologia Comunitária no Ceará.

Em 1983 foi criado o Projeto de Atendimento Psicossocial dos Moradores do Bairro de Nossa Senhora das Graças do Pirambu. Em 1992, o mesmo muda de nome sendo agora Núcleo de Psicologia Comunitária, adquirindo sede própria no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Constituído-se como um núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão. O objetivo do núcleo além da busca do desenvolvimento do sujeito comunitário é também a sistematização do conhecimento de Psicologia Comunitária e a inserção dela no meio acadêmico. Voltando-se para uma prática de psicologia comprometida com a transformação social. Desta forma, entendemos ser imprescindível a compreensão histórica do NUCOM ao longo de seus 13 anos, na medida que este contribui na caminhada da própria Psicologia Comunitária, do Departamento de Psicologia e da Universidade Federal do Ceará.

Não podemos desvincular o estudo teórico de Psicologia Comunitária da prática de extensão, pois este estudo só será validado a partir da inserção na vida comunitária, uma vez que a Psicologia Comunitária caracteriza-se como:

uma área da Psicologia Social voltada para a compreensão da atividade comunitária como atividade social significativa (consciente) própria do modo de vida (objetivo e subjetivo) da comunidade e que abarca seus sistemas de relações e representações, modo de apropriação do espaço da comunidade, identidade pessoal e social, a consciência, o sentido de comunidade e os valores e sentimentos aí implicados. Tem por objetivo o desenvolvimento do sujeito da comunidade, mediante o aprofundamento da consciência dos moradores com relação ao modo de vida da comunidade, através de um esforço interdisciplinar voltado para a organização e desenvolvimento de grupos e da própria comunidade (Góis 2003, p. 25)

Os marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária são: Psicologia Histórico-Cultural (Vigotsky, Leontiev, Luria), Biodança (Toro e Cavalcante), Educação Libertadora (Paulo Freire), Psicologia da Libertação (Martín-Baró) e Teoria Rogeriana (Carl Rogers). Nesse sentido, as teorias, as categorias e os conceitos que, aos poucos, vão se aglutinando na construção da Psicologia Comunitária, passam, necessariamente, pela afinidade com a postura ético-epistemológica que encontramos presente no compromisso com a práxis libertadora.

A Psicologia Histórico-cultural, que tem como principais representantes Vigotsky, Leontiev e Luria, surgiu na Rússia pós-revolucionária (década de 1920), buscando trazer para o âmbito da Psicologia a materialidade do humano, sem cair no mecanicismo das correntes da época (reflexologia e psicologia experimental). Então é a partir do materialismo dialético e histórico que esta teoria se fundamenta. Segundo Pino (2000), a história é vista por Vygotski de forma genérica através da visão dialética geral das coisas e restrita, quando analisa a história humana. Esta segunda retrata a singularidade do sujeito enquanto um ser social, ativo e histórico.

Há a proposição do problema na relação natureza/cultura, em que o homem passa a desnaturalizar os fenômenos, agindo e transformando a si e sua realidade. “Isso faz o homem o artífice de si mesmo”. (PINO, 2000, P.51). A partir desta visão de homem, cuja formação do psiquismo é construída na realidade material concreta e nos cabe enquanto atores deste processo compreender com a esta dimensão atua em nossas intervenções sociais. Devemos propor um

modelo de formação que esteja de acordo com suas reais necessidades da comunidade e não a partir de uma lógica academicista ou mercadológica. A realidade material possui determinantes históricos, às vezes não captadas na grande maioria dos projetos e experiências extensionistas. Devemos formar profissionais potencialmente capazes de serem sujeitos da transformação social.

A Educação Biocêntrica tem como enfoque

a construção do conhecimento crítico que, levando à tomada de consciência, quando aprofundada leva à conscientização. A sua expressão exige uma ação no mundo através do diálogo com o outro, para uma transformação da realidade individual e social. Para isso, é preciso desenvolver acima de tudo a afetividade e a criatividade. (CAVALCANTE, 2001, p. 8)

Tem como paradigma o Princípio Biocêntrico (Toro e Cavalcante), que dá suporte à estrutura teórica da Biodança, que consiste na ampliação da vida instintiva tendo como referência a vida em toda a sua plenitude. A Educação Biocêntrica não tem como foco somente o homem, mas todos os elementos e seres que compõem a vida. Por isso, necessita de uma reeducação da vida e do estilo de viver, fortalecendo a identidade pessoal, coletiva e do lugar, resgatando na afetividade um dos componentes deste reeducar. Permite desta forma que ambos os atores da intervenção sejam transversalizados pela vivência, enquanto elemento central e potencializador e de nossa atuação.

O diálogo, enquanto método pedagógico, presente na Biodança teve sua origem na Educação Libertadora de Paulo Freire (1987, p.70), pronunciada, como: “A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.”

A Psicologia da Libertação nasceu da crítica à Psicologia Social Tradicional (década de 60), uma vez que esta não dava conta de explicar a realidade dos países da América Latina. Martín-Baró, Maritza Montero e Sílvia Lane, dentre outros, mostram as relações de dominação e exploração marcantes desta realidade e o papel da Psicologia na manutenção desta situação. Propõem um novo olhar sobre os fenômenos sociais latino-americanos – e sobre a relação destes com a subjetividade dos seus povos – e também uma nova prática psicológica, comprometida com a transformação social.

A Teoria Rogeriana (Carl Rogers) se propõe a ser uma forma revolucionária de lidar com homens e mulheres na educação, na mediação de conflitos, na psicoterapia, dentre outras. Tem como pressuposto a tendência à realização, segundo a qual a vida é um processo ativo. O ser humano, assim como os outros organismos vivos, “movem-se em direção ao desenvolvimento” (Rogers, p.) desde que lhe sejam garantidas condições facilitadoras. Para uma abordagem centrada na pessoa, essas condições podem ser descritas como aceitação, autenticidade e empatia.

O processo de construção da Psicologia Comunitária ancorou-se, principalmente, na afirmação de uma posição político-ideológica, a partir do contexto latino-americano de opressão e da omissão histórica da Psicologia com essa questão. Quando problematizamos a Psicologia Comunitária na América Latina e a Psicologia em geral, no sentido da libertação do povo explorado, é por entendermos que o esforço que o indivíduo realiza para se tornar sujeito da realidade se dá em um contexto de dominação e exploração, que impede ou dificulta a sua atuação enquanto sujeitos da sua história.

Atualmente, na nossa prática nos projetos de extensão/cooperação no Bairro da Boa Vista (zona urbana) e no Município de Pentecoste (zona rural) e na pesquisa PIBIC (2004-2006), com o título Práxis no Núcleo de Psicologia Comunitária – um enfoque da extensão universitária, percebemos a necessidade de um aprofundamento da sistematização dos marcos teóricos da Psicologia Comunitária Cearense, buscando uma maior compreensão da articulação dos seus contextos históricos, suas categorias e suas práticas que embasam a nossa práxis.

A presente pesquisa situa-se dentro da estratégia de consolidação do NUCOM (Núcleo de Psicologia Comunitária da UFC) e do Grupo de Pesquisa: NUCOM- Identidade, Comunidade e Sustentabilidade, vinculado ao CNPq, que vem desenvolvendo ensino, extensão e pesquisa.

OBJETIVOS

Geral:

Compreender como se fundamenta a articulação entre os marcos teórico-epistemológicos da Psicologia Comunitária Cearense: Psicologia Histórico-Cultural (Vigotsky, Leontiev, Luria), Educação Biocêntrica (Toro e Cavalcante), Educação Libertadora (Paulo Freire), Psicologia da Libertação (Martín-Baró) e Abordagem Centrada na Pessoa (Carl Rogers) na construção de sua práxis.

Específicos:

- Conhecer o contexto histórico da inserção de cada marco teórico-epistemológico na sistematização da Psicologia Comunitária;
- Identificar os conceitos, as categorias e a visão de homem/mundo de cada marco teórico-epistemológico e como são apropriados pela Psicologia Comunitária;
- Analisar como ocorre a integração/síntese entre estas teorias ressignificadas tornam a Psicologia Comunitária um campo específico de conhecimento.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir das questões advindas da nossa práxis em Psicologia Comunitária desenvolvida no Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM). É caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, em que busca compreender como se relacionam as bases epistemológicas da Psicologia Comunitária na sua construção enquanto teoria. O que caracteriza este tipo de pesquisa é o seu foco na coleta de dados a partir das teorias e não necessitando a presença dos sujeitos, enquanto pesquisandos.

Mesmo sendo considerada uma pesquisa bibliográfica, foi utilizada metodologia participativa de pesquisa, pois é através do processo de diálogo que se constrói coletivamente o conhecimento. O seu caráter participativo foi praticado pelos pesquisadores envolvidos na elaboração e na execução desta pesquisa. Este grupo foi composto por: oito estudantes de graduação em Psicologia, dois estudantes do Mestrado em Psicologia e uma professora do Departamento de Psicologia. Todos são integrantes do NUCOM.

A pesquisa será organizada com as seguintes etapas: **1ª) Análise dos resultados da pesquisa PIBIC 2005-2006:** referente ao resgate da produção teórica da Psicologia Comunitária na UFC nestes últimos 12 anos e a compreensão de como a base epistemológica da Psicologia Comunitária contribuiu no desenvolvimento da atividade de extensão do NUCOM e como esta se diferencia de outras práticas extensionistas; **2ª) Revisão bibliográfica dos autores da Psicologia Comunitária Cearense:** catalogação dos conceitos dessas obras e da contextualização histórica das bases epistemológicas; **3ª) Leitura das bases epistemológicas da Psicologia Comunitária** (Teoria Histórico-Cultural da Mente, Abordagem Centrada na Pessoa, Psicologia da Libertação, Pedagogia da Libertação e Educação Biocêntrica): identificar a visão de homem/mundo, os conceitos e as categorias que compõem a Psicologia Comunitária; **4ª) Analisar como os conceitos foram apropriados pela Psicologia Comunitária:** não foi cumprida devido a necessidade de aprofundar nas etapas anteriores e por solicitação da prorrogação para mais um ano de pesquisa (2007-2008).

As 1ª etapa da pesquisa foi desenvolvida por todos os pesquisadores conjuntamente, mediante a discussão do material coletado. Na 2ª etapa foi realizada uma divisão dos pesquisadores em subgrupos, de modo a contemplar as obras da psicologia comunitária cearense. A 3ª etapa foi desenvolvida através de cinco duplas de pesquisadores que ficaram responsáveis por cada base epistemológica e que escreveram um artigo do material coletado, relacionando com a Psicologia Comunitária. A sistemática utilizada para a realização da pesquisa foi organizada em encontros semanais de 4 horas de duração, que constituirão com espaços para o processo de construção coletiva do conhecimento, como também, o compartilhamento de dúvidas e de descobertas realizadas pelos pesquisadores. Os dados coletados durante a pesquisa foram compartilhados também os demais integrantes do NUCOM nas reuniões semanais deste núcleo. Foram criadas as oportunidades de socializar e discutir os conhecimentos produzidos nos Encontros Universitários, Encontros de Psicologia Comunitária, encontros e congressos de Psicologia e temas afins, como também a criação de grupos de estudos no Curso de Psicologia.

Um desafio destes pesquisadores foi exercitar uma metodologia participativa em uma pesquisa bibliográfica, visto que ela foi desenvolvida por muitos pesquisadores que estão em níveis diferentes de formação, partindo da graduação, do mestrado e do doutorado. Essa atividade entra em consonância com as linhas definidas para a Pós-Graduação Brasileira, a qual estamos vinculados mediante a relação entre a Graduação e o Mestrado em Psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo geral é compreender como se fundamenta a articulação entre os marcos teórico-epistemológicos da Psicologia Comunitária Cearense: Psicologia Histórico-Cultural (Vigotsky, Leontiev, Luria), Educação Biocêntrica (Toro e Cavalcante), Educação Libertadora (Paulo Freire), Psicologia da Libertação (Martín-Baró) e Abordagem Centrada na Pessoa (Carl Rogers) na construção de sua práxis. Os resultados serão apresentados a partir da discussão dos objetivos propostos na pesquisa. O objetivo específico conhecer o contexto histórico da inserção de cada marco teórico-epistemológico na sistematização da Psicologia Comunitária trouxe muitas informações importantes sobre a contextualização das teorias estudadas na Psicologia Comunitária.

A mudança do termo bases epistemológicas relacionadas às teorias da Psicologia Comunitária para marcos teórico-metodológicos contribuiu para a definição destas teorias como elementos teóricos e metodológicos da Psicologia Comunitária. A base epistemológica é algo mais amplo, “tem a ver com o modo como nós compreendemos e descrevemos o mundo” (PRIETO, 2003, p. 183), que une estas teorias e traz uma concepção de ciência comprometida com a libertação dos homens e mulheres. Outro elemento que une estes marcos teórico-metodológicos é a transdisciplinaridade que afirma “uma ética transdisciplinar que recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem – de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica”. (Carta da Transdisciplinaridade, 1994). Então, por que não podemos dialogar com cinco marcos teórico-metodológicos na Psicologia Comunitária?

Para compreender o diálogo destes marcos teórico-metodológicos, Góis (2003, p.17) relata

A trajetória da Psicologia Comunitária no Ceará teve como ponto de partida no encontro entre Psicologia, Biodança, Alfabetização de Adultos e Compromisso Político-Pedagógico, em outubro de 1980, quando conheci Ruth Cavalcante em um curso de formação, que ela mesma ministrava, de Animador de Círculo de Cultura, com o objetivo de alfabetizar adultos na periferia de Fortaleza (Método Paulo Freire).

A partir da citação são apresentadas Educação Libertadora de Paulo Freire e a Biodança de Rolando Toro, que contribuíram muito para realização em 1981 de um trabalho de alfabetização de adultos na comunidade do Pirambu com estudantes de Psicologia, psicólogo, pedagogos e lideranças caracterizado como um trabalho em Psicologia Comunitária. A Psicologia Comunitária começou a apropriar-se da teoria e da metodologia da Educação Popular como estratégia para iniciar a inserção comunitária e aliado a isso as vivências de Biodança. Segundo Góis (2003, p.17) “nosso trabalho de Psicologia no Pirambú era confuso e disperso, sem uma base teórica e metodológica”.

De 1982 a 1986, a Psicologia caminhava para uma Psicologia Popular, que tinha como opção a população pobre. Porém já havia uma preocupação com a sistematização de vários teóricos como Paulo Freire, Rolando Toro, Carl Rogers, Jacob Moreno, Frantz Fanon, Washington Loyello e Leonardo Boff. Em 1985, a Teoria Rogeriana é incorporada a Psicologia Comunitária, mais especificamente a partir de conceitos como valor pessoal, poder pessoal, núcleo de vida, tendência atualizante dando um olhar maior sobre o indivíduo da comunidade. Outro trabalho importante no início da construção da teoria da psicologia comunitária foi no município de Pedra Branca, que traz o conceito de municipalidade e da relação do sujeito comunitário no seu desenvolvimento.

Em 1986 a partir da participação do Prof. Cezar Wagner no 1º Encontro sobre as Questões Epistemológicas, Teóricas e Metodológicas entre Psicanálise e Psicologia Marxista em Cuba, um novo material teórico e metodológico foi apropriado pela Psicologia Comunitária que passou a

dialogar com os teóricos soviéticos Vygotsky, Leontiev, Luria, Smirnov e Rubinstein. Os três primeiros são fundadores da Psicologia Histórico-Cultural.

Durante o seu percurso, a Psicologia Comunitária teve vários nomes Psicologia Popular, Psicopedagogia Comunitária e finalmente Psicologia Comunitária, fortalecendo uma teoria e uma área de atuação do profissional de Psicologia. Em 1987, quando os trabalhos de extensão universitária já desenvolvidos nessa área são registrados no Departamento de Psicologia da UFC como Projeto de Psicologia Comunitária, o que em 1992 originaria, o Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM). Nesse percurso de construção e atuação da Psicologia comunitária, ocorreram vários fatos como criação da disciplina sobre essa teoria no Departamento de psicologia da UFC, o lançamento do livro “Noções de Psicologia Comunitária”, os Encontros de Psicologia Comunitária, dentre outros acontecimentos.

Em 1996, a partir dos seus estudos de Doutorado na Universidade de Barcelona, o Prof. Cezar Wagner tem contato com a Psicologia da Libertação, tendo como seu principal representante, Ignácio Martín-Baró, o que contribuiria para a adição de mais uma teoria para embasar a Psicologia Comunitária. A apropriação desta teoria da Psicologia Social, desenvolvida na América Latina, especificamente em El Salvador, contribuiu para a consolidação do eixo da libertação dentro da Psicologia Comunitária.

Para aprofundar na compreensão da importância dos marcos teórico-metodológicos, o objetivo específico identificar os conceitos, as categorias e a visão de homem/mundo de cada marco teórico-epistemológico, quer dizer teórico-metodológicos e como são apropriados pela Psicologia Comunitária apresenta suas contribuições para a construção e sistematização desta área do conhecimento.

A Educação Libertadora tem como principal representante Paulo Freire, pernambucano, formado em Direito, mas que nunca exerceu a profissão, preferindo trabalhar com a educação, mais especificamente com a alfabetização de adultos. Ele acreditava que ler e escrever não são simples atos de decodificar e escrever signos, mas é saber ler e escrever sua realidade, decodificando o mundo que o cerca. Considerava que educar era também um ato político e entendia que o que “se exige eticamente de educadoras e educadores progressistas é que, coerentes com seu sonho democrático, respeitem os educandos e jamais, por isso mesmo, os manipulem”. (FREIRE, 1994, p.80.)

Apesar de Freire ter escrito e pensado para a Pedagogia, suas concepções vão além das salas de aula, sendo de grande relevância para a Psicologia Comunitária. Freire acreditava que para educar era preciso romper com a “cultura do silêncio¹”, com a opressão imposta pelos dominantes. Para isso, é preciso um aprofundamento da consciência, desde a consciência semi-intransitiva até a consciência transitiva-crítica, caminhando entre os níveis de consciência (FREIRE, 1982). Góis, na Psicologia Comunitária, passou a chamar de tipos de consciência, não mais de níveis. A Psicologia Comunitária “tem por objetivo o desenvolvimento do sujeito da comunidade, mediante o *aprofundamento da consciência* dos moradores com relação ao modo-de-vida da comunidade (...)” (GOIS, 2003, p.30, grifo nosso). Fica claro, assim, uma das contribuições de Freire para o fazer psicológico comprometido com a maioria oprimida.

Outra concepção de Freire que foi incorporada à nossa intervenção comunitária foi o diálogo e a relação dialógica. Diálogo aqui é entendido como

[...] este encontro de homens, mediatizado pelo mundo, para pronunciá-lo (...). Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem este direito, proibindo que este

¹ Ver melhor em “Ação Cultural para a Liberdade”.

assalto desumano continue (...). O diálogo é uma exigência existencial (FREIRE *apud* GOIS, 2005, p. 109-110).

O diálogo, então, mostra-se como uma negação da opressão e dominação, permitindo o pronunciamento da palavra, a apreensão da realidade, a emancipação do homem, construindo, assim, relações mais amorosas, com práticas mais coletivas.

No campo metodológico, a Psicologia Comunitária também se apropriou de metodologias participativas presentes na obra de Freire. Destacamos, dentre outras, a pesquisa do universo vocabular a partir da realidade das pessoas envolvidas, o diálogo problematizar e a metodologia do círculo de cultura.

A Biodança, juntamente com a Abordagem Compreensiva de Rogers e a Educação Libertadora de Paulo Freire, foi de grande importância durante a construção de uma psicologia comprometida com a transformação social e com a constituição de uma prática profissional e humana que coloca a valorização da vida como eixo mestre para a execução de suas atuações. Construída na década de 70 durante meditações e vivências pessoais de seu criador, Rolando Toro, a Biodança pode ser definida como “um sistema de desenvolvimento humano que tem como objetivo estudar e fortalecer a expressão de potenciais genéticos, acessados pela deflagração de vivências integradoras através do movimento corporal-existencial, da música e de situações de encontro em grupo” (Toro, 2002, p.).

A presença da Biodança na Psicologia Comunitária se deu desde o trabalho realizado junto a um movimento do bairro Pirambu, no início da década de 80 em Fortaleza, no qual eram realizadas vivências em Biodança como parte de uma série de atividades desenvolvidas. Segundo Góis (2003 p. 64), nesses momentos, “era evidente o sentimento de valor humano, de amizade, de solidariedade, de descoberta de novas formas de viver, de estar no mundo como sujeito da realidade e não como coisa”.

A Biodança, por ser um sistema de desenvolvimento humano que tem seu foco no positivo, no saudável, no potencial, sem desconsiderar o negativo e a queixa (enfoque das intervenções tradicionais), ultrapassa a visão de homem como “ser de falta” para considerá-lo como ser capaz, dotado de um potencial de vida que o permite superar as limitações impostas por condições sociais que favorecem a exclusão.

As principais contribuições da Biodança para a Psicologia Comunitária são: o acréscimo, à mediação simbólica e semiótica, da importância da mediação afetiva como parte da intervenção junto à classes populares, este tipo mediação se tornou possível a partir da introdução da expressão de sentimentos durante a facilitação de grupos; o resgate da dimensão corporal (exercícios de Biodança), além da dimensão do falar e do pensar-problematizar; o princípio Biocêntrico como eixo paradigmático de uma ética em favor da vida; a noção de identidade como presença e consciência de si; e a noção de afetividade, que abrange emoções e sentimentos; a dimensão da vivência como pré-reflexiva, corporal, sensível, espontânea, imediata e biocêntrica, presente, inclusive no método de atuação da psicologia comunitária cearense, o MDV - Método Dialógico-Vivencial (GOIS, 2005); e, por fim, a utilização da mesma como aparato técnico-instrumental, com as facilitações de grupos utilizando exercícios de Biodança.

De acordo com o Princípio Biocêntrico, a vida deve ser compreendida como centro referencial para toda ação e reflexão do indivíduo na realidade. Segundo Toro (1991, p), esse princípio “tem como ponto de partida a vivência de um universo organizado em função da vida. Tudo o que existe no universo, sejam elementos, astros, plantas ou animais, incluindo o ser humano, são componentes de um sistema vivo maior. O universo existe porque existe a vida e não o inverso. As relações de transformação matéria-energia são graus de integração da vida”.

Dessa forma, o princípio biocêntrico afirma-se como eixo paradigmático de uma ética afetiva em favor da vida que favorece a conexão e vinculação consigo, com as outras pessoas, com a natureza e com a vida de um modo mais amplo; ao mesmo tempo em que ganha corpo na concretude do cotidiano, inclusive na postura compromissada e facilitadora do psicólogo comunitário diante das pessoas, do lugar e do trabalho.

A Biodança inspira a Psicologia Comunitária a se abrir ao encontro afetivo com as pessoas e a realizar um trabalho com sentido, com prazer e, ao mesmo tempo, de luta contra a opressão e a exploração. Tudo isso, simplesmente, porque ama ao outro e a vida. Por essa postura, o psicólogo comunitário não se insere em uma comunidade de forma neutra e distanciada, mas por meio de interações críticas e afetivas, compreendendo que a comunidade é um espaço privilegiado de encontro e vinculação humana, onde as emoções e sentimentos experienciados pela vida coletiva possibilitam a realização de ações solidárias e atividades genuinamente comunitárias.

A identidade, para a Biodança, é compreendida como uma estrutura dissipativa, por ser, concomitantemente, estável e dinâmica. Ela se caracteriza como sendo aquilo que permanece diante das mudanças e só se revela na presença do outro (Toro, 1991). A representação da identidade mostra a pessoa como presença viva e ativa, como singularidade no mundo, mas sempre em movimento, com possibilidade de realizar ações transformadoras. Assim, a experiência primordial da identidade é a vivência de sentir-se vivo. Tal conceito de identidade, somado ao conceito de identidade como metamorfose proposto por Ciampa (1987), resulta na concepção da mesma como categoria na qual há a indissociabilidade entre mente e corpo, o que implica que a construção do sujeito comunitário se dá num processo que é corporal e afetivo.

A vivência, de acordo com o que é entendida pela Biodança, resgata a vida instintiva para um mundo de valores, símbolos e exacerbação da reflexão. Na Biodança, considera-se que a consciência deve surgir a partir da vivência, libertando a expressão de um mundo que é instintivo e ao mesmo tempo humano. Caso contrário, ocorre uma negação do próprio corpo e repressão das emoções e dos instintos, o que Toro (1991) considera como patologia da civilização, ou negação da vivência pela consciência. Tal noção de vivência encontra-se entrelaçada ao arcabouço teórico metodológico da Psicologia Comunitária, podendo ser verificada tanto em seu objeto de estudo (o processo do reflexo psíquico do modo de vida comunitário), como no seu método de intervenção (método de análise e vivência do modo de vida comunitário).

“A Biodança, ao possibilitar, no momento da vivência, a expressão da vida e nutrir o encontro, a fim de criar ou refazer os laços do primitivo com o cultural, construindo e fortalecendo valores significativos para a vida, valores baseados no amor” (Toro, 1991, p. 95), atua como um instrumento que facilita a convivência social próxima entre os moradores que compartilham um espaço de moradia em comum. Desta forma, mesmo que não se realize Biodança propriamente dita, qualquer exercício que tenham a vivência como horizonte podem fortalecer os laços comunitários dos moradores consigo e com o lugar.

As contribuições da Teoria Rogeriana são específicas da Psicologia Comunitária construída no Ceará. Carl Rogers é um teórico que, muitas vezes, é conhecido por sua atuação na clínica, e pouco se conhece acerca da sua fase brilhante na década de 60, já no final de sua carreira, na qual preocupou-se, principalmente, com a questão do poder e de trabalhos que envolviam a mediação de conflitos entre grupos culturalmente diversos, como negros e brancos na África do Sul, ou católicos e protestantes na Irlanda.

Os primeiros trabalhos em Psicologia Comunitária, por volta de 1985, tiveram como embasamento teórico a Teoria Rogeriana e fundamentaram-se, basicamente, em dois pontos principais da mesma: a adoção de uma postura facilitadora por parte dos profissionais como um caminho para a mudança nas relações de poder e a crença nos potenciais de desenvolvimento do oprimido.

Para Rogers, a tendência atualizante é algo próprio dos organismos vivos e que esta é a força propulsora para a motivação e o desenvolvimento. No entanto, vários fatores podem impedir que essa força se manifeste. Cabe, então, ao psicólogo assumir a posição de facilitador desse processo de realização humana adotando a aceitação incondicional dos valores, sentimentos e problemas das pessoas ou grupos, promovendo a livre expressão, o diálogo problematizador e a relação empática entre os membros.

Mesmo sob as mais adversas situações, há sempre possibilidades a serem construídas, pois essa tendência presente em todos os seres vivos “(...) pode, evidentemente, ser frustrada ou

desvirtuada, mas não pode ser destruída sem que se destrua também o organismo” (ROGERS, 1983, p. 40).

Como fatores que podem provocar a alienação entre o ser humano e os seus processos orgânicos direcionais, ele aponta: a negação de direitos, o controle autoritário da vida por pequenos grupos que leva a exclusão social, política e cultural da maioria, um quadro econômico perverso, entre outros. A isto a Psicologia Comunitária acrescentou, no seu diálogo com a realidade, a organização comunitária e a luta pela transformação social como fenômenos que completariam a restauração do valor pessoal e do poder pessoal.

De acordo com Góis (2003, p) o valor pessoal é “um sentimento de valor intrínseco que se manifesta quando a pessoa entra em contato com seu núcleo de vida [...] sentir-se capaz de gostar de si mesmo, acreditar na sua capacidade de conviver e realizar trabalho” O poder pessoal é a capacidade de influir na construção das relações com os outros e com a realidade. Reconhecer o potencial do oprimido e adotar uma postura facilitadora no processo de desenvolvimento do valor e poder pessoal são dois pontos de interseção entre a Psicologia Comunitária e a Teoria Rogeriana.

Um outro aspecto relevante na obra de Rogers são as condições facilitadoras, que se aplicam, em todos os âmbitos das relações humanas. Elas são em número de três: consideração positiva incondicional, empatia e autenticidade.

Para a Psicologia Comunitária, são importantes as atitudes facilitadoras, a noção de tendência formativa e uma metodologia criada por Góis (1994; 2003) denominada “círculo de encontro”. Segundo Góis (2003), a criação de um clima psicossocial de crescimento pessoal e social envolve seis condições: congruência (ou autenticidade), aceitação (ou consideração positiva incondicional), empatia, diálogo, organização comunitária e luta reivindicatória e política. Como podemos perceber, destas condições, quatro (consideração positiva incondicional, empatia, autenticidade e diálogo) estão presentes na obra de Rogers.

Deste modo, as contribuições de Rogers para a Psicologia Comunitária são de duas ordens: uma ética e outra metodológica. A primeira diz respeito ao fato de o psicólogo que tem esse horizonte reconhecer o outro como pessoa, portanto como digno de valor, capaz de realizar transformações em sua vida (tanto no âmbito coletivo, quanto no individual) – valor pessoal e poder pessoal.

Já no plano metodológico, Rogers consegue sistematizar o ético, a partir do momento em que investiga a operacionalização deste através das “atitudes facilitadoras”, reinventadas por Góis através do “Círculo de Encontro”.

A Psicologia Histórico-Cultural, representada principalmente por Vigotsky, Luria e Leontiev, tem dentro de seu construto teórico o homem como um ser ativo, social e histórico, constituído dentro de uma relação de transformação e desenvolvimento mútuo entre ele e a sociedade onde se insere. Nessa perspectiva a noção de psiquismo humano surge como a relação entre a dimensão biológica e social presentes nesse sujeito constituindo de uma forma integral.

A noção de atividade humana como ato social que possibilita a mediação entre a dimensão biológica do ser humano e a meio social onde vive, fazendo com que este se desenvolve para além da base biológica ali já formada, é transformada em Atividade Comunitária (Góis, 1994), se tornando unidade básica de análise da psicologia comunitária, na sua atuação dentro da comunidade.

Existem duas dimensões que nos ajudam a compreender a constituição da atividade humana: a dimensão instrumental e a dimensão comunicativa. A primeira, pode se caracteriza nos trabalhos da psicologia comunitária, com a construção de um projeto, a realização de uma festa, um mutirão para alguma construção, o que caracteriza o fato concreto, o produto e o manejo de instrumentos dos sujeitos para atingir esse objetivo. Já a segunda, se caracteriza a partir das interações dos indivíduos presentes nessas atividades, a comunicação, a cooperação ali existente e todos os frutos que podem resultar desse contato dos sujeitos comunitários entre si, bem como agente externos como por exemplo, o psicólogo comunitário, o que já caracteriza um diálogo de saberes, a transformação desses sujeitos a partir desse encontro de formas de ler e ver a realidade.

A análise do objeto de estudo a partir da Psicologia Histórico-Cultural se caracteriza com análise de um processo, diferente de focar em produto, ou fato isolado. Essa compreensão de análise na psicologia comunitária é apropriada na análise da atividade comunitária, considerando essa o processo do sujeito comunitário no seu espaço social. Vygotski (1996 p.23) diz: “a tarefa da psicologia era substituir a análise de um objeto pela análise do processo, da sua constituição, da sua gênese.”

As construções sociais, para a Psicologia Histórico-Cultural, são repletas de significados (sentidos coletivos), sentidos e sentimentos, que se constituem em um esquema único, que guia ação dos sujeitos para algo. Assim estes três conceitos se fazem fundamentais na compreensão do sujeito comunitário, e de como esse significa o contexto onde vive, e dessa forma, apontando formas de atuação para o psicólogo comunitário. Vale salientar que o sentido dado pelo sujeito a sua realidade, além da dimensão individual, tem a dimensão social como constituinte do mesmo, desta forma, contribuindo para a construção da consciência humana.

Consciência esta considerada por Leontiev (1978, p.93) como “o reflexo da realidade, refractada através do prisma das significações e dos conceitos elaborados socialmente”. Assim a consciência é a forma como o sujeito compreende e significa a realidade, e o trabalho da Psicologia Comunitária vai em compreender esse reflexo da psíquico da realidade, a partir do olhar desse sujeito e observar pontos de partida para uma atuação dentro de uma perspectiva de transformação social, através do aprofundamento dessa consciência.

O olhar sobre um processo e não um produto apenas traz a noção de aprendizagem e desenvolvimento para dentro da Psicologia Comunitária, a partir do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, caracterizada como o atua domínio psíquico do sujeito naquele momento, mas que pode sempre ir mais além a partir da atividade humana que media o contato desse sujeito com o mundo onde vive. Trazemos esse conceito para a Psicologia Comunitária como mediação comunitária com o objetivo de aprofundamento da consciência do sujeito comunitário sobre a sua realidade, buscando assim contribuir para um desenvolvimento desse sujeito bem como a transformação dele e de sua realidade.

A mediação comunitária é realizada nos trabalhos de psicologia comunitária através da facilitação de grupos, geralmente compostos por pessoas da comunidade onde se está trabalhando. Nesses espaços possibilitamos a troca de saberes, de opiniões dos sujeitos, onde os diversos olhares se encontram na busca de construir algo comum, e dessa forma transformando os sujeitos ali presentes no intuito de uma transformação do espaço onde moram. Esse momento de facilitação traz de forma clara a contribuição da psicologia histórico-cultural a partir da compreensão da dimensão comunicativa e da dimensão instrumental da atividade humana, onde o sujeito aprende, no processo, no viver cotidiano.

A Psicologia da Libertação, através de autores como Martín-Baró (1998), preconiza que a universidade e as intervenções em Psicologia devem se propor a compreender e explicar a realidade, a partir de suas especificidades e de seu contexto histórico-cultural e com a intenção de transformá-la. Anunciando, para tanto, a necessidade de uma práxis que parta da premissa de que só atuando na realidade é que se torna possível conhecer sua dinâmica e suas vicissitudes, a fim de intervir para a construção de uma realidade efetivamente democrática, através de uma ação conjunta com as maiores oprimidas e exploradas, e a serviço delas. É o compromisso social presente na teoria e na prática, a práxis.

Existe uma crescente consciência entre os psicólogos latino-americanos de que, na hora de definir a nossa identidade profissional e o papel que devemos desempenhar em nossas sociedades, é muito mais importante examinar a situação histórica de nossos povos e suas necessidades do que estabelecer o âmbito específico da psicologia como ciência ou como atividade. (MARTIN BARÓ, 1985, p.99)

Os principais conceitos da Psicologia da Libertação discutidos na Psicologia Comunitária são papel do psicólogo, realismo crítico, fatalismo e teoria/prática/compromisso social. É fundamental

contextualizar que esta teoria nasceu e desenvolveu-se a partir das necessidades da classe oprimida latino-americana, pois Martín Baró sempre deixou claro no seu percurso enquanto padre e psicólogo a não-neutralidade religiosa e científica. Da mesma forma a Psicologia Comunitária também fez a opção pela classe oprimida e explorada, que ainda não tem acesso ao conhecimento científico que possibilite a transformação social visando uma sociedade justa, humana e amorosa. Outra interface entre estas Psicologias é a busca teórica e metodológica que elas encontraram em dois teóricos: Paulo Freire, pela Educação Libertadora e Vygotski, pela Psicologia Histórico-Cultural. O diálogo entre Psicologia Comunitária e Psicologia da Libertação é construído com base em vários conceitos que já estão presentes nas teorias citadas.

A atuação do psicólogo é voltada para facilitar a mudança desta realidade abrindo mão do idealismo metodológico e assumindo o realismo crítico. “Primeiro descobrir os rostos da pobreza, da indignação, da opressão, e depois a elaboração teórica que não só se conforme em dar conta dessa realidade, mas que a denuncie, desvele seu interior e aponte os meios para poder modificá-la.”(MARTÍN-BARÓ,1998, p.134). Na Psicologia Comunitária, o psicólogo também se compromete e se apropria da realidade comunitária, pois constrói vínculos pessoais e afetivos com os moradores e não pode assumir uma postura de técnico que possui o conhecimento científico. Psicólogo comunitário e morador construíram o caminho que possibilitará a mudança social da realidade opressora.

O fatalismo nasce de uma inquietação provocada pelas explicações dadas aos resultados de pesquisas e estudos realizados pelas ciências sociais, que apontavam a atitude fatalista ora como parte integrante da identidade do Latino Americano, ora como estrutura de caráter do Latino americano pobre. As perguntas lançadas por Martín-Baró são: a atitude fatalista é parte integrante do caráter do latino americano, uma característica que lhe é atribuída (estereótipo) ou uma construção sócio-histórica articulada a uma ideologia de classes? (Baró, 1998). O fatalismo é “[...] aquella comprensión de la existencia humana segun la qual el destino de todos está ya predeterminado y todo hecho ocurre de modo ineludible. A los seres humanos no les queda más opción que acatar su destino, someterse a la suerte que les prescriba su hado”(Martín-Baró, 1998, p.76). A psicologia Comunitária procura desvendar a naturalização de opressão que se encontram os moradores das comunidades pobres do Nordeste Brasileiro, facilitando a atividade comunitária como caminhos construir um mundo e uma comunidade, lugar de moradia, digna de ser vivenciada pela espécie humana.

Aliás, juntamente com Martín-Baró, Góis (2005, p. 39) cita Montero (Venezuela) e Lane (Brasil) como possuindo obras “voltadas para a construção de uma Psicologia Social crítica, preocupada com a realidade dos povos da América Latina e com os caminhos de mudança dessa mesma realidade social”.

CONCLUSÃO / COMENTÁRIOS FINAIS

Os estudos desenvolvidos na presente pesquisa possibilitaram muitas discussões e descobertas de questões teóricas e metodológicas que estavam sem um devido espaço na sistematização da Psicologia Comunitária. Como também, a importância da Teoria da Complexidade e do Eixo da Libertação como caminhos epistemológicos que possibilitam a transdisciplinaridade dos marcos teórico-metodológicos que estão na Psicologia Comunitária.

A definição das nomenclaturas dos marcos teóricos-metodológicos que retratam a concepção que se utiliza na Psicologia Comunitária, como Abordagem Centrada na Pessoa para Teoria Rogeriana e de Educação Biocêntrica para Biodança. O aprofundamento desta discussão está possibilitando uma definição comum para as produções teóricas desenvolvidas pelos estudantes da graduação e do Mestrado em Psicologia.

O resgate histórico da inserção de cada marco teórico-metodológico na Psicologia Comunitária e entender como eles se complementam são contribuições que fortalecem a teoria e a prática desta área do conhecimento. Identificar os conceitos, as categorias e a visão de homem/mundo dos marcos e como são apropriados pela Psicologia Comunitária trouxeram conexões importantes para compreender como um conceito de um marco teórico-metodológico complementa o outro.

Devido à profundidade das discussões e a necessidade de fazer mais leituras resolveu-se prosseguir com a pesquisa na 2ª etapa (2007/2008). O objetivo de sistematizar a apropriação dos mesmos os conceitos, as categorias e a visão de homem/mundo pela Psicologia Comunitária e a análise de como ocorre a integração/síntese entre estas teorias ressignificadas, que tornam a Psicologia Comunitária um campo específico de conhecimento necessitam de um maior aprofundamento teórico.

A produção de cinco artigos científicos, de uma mesa redonda “Marcos teóricos da Psicologia Comunitária” no V Congresso Norte e Nordeste de Psicologia em Maceió, uma palestra sobre a Biodança nos Encontros de Psicologia Comunitária, trabalho nos Encontros Universitários (2007), duas dissertações qualificadas no Mestrado em Psicologia da UFC com capítulos que apresentaram a sistematização dos marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária e um projeto de monografia são frutos do trabalho coletivo e participativo realizado no NUCOM. A construção do conhecimento através do convívio entre alunos da graduação e da pós-graduação possibilitou uma experiência valiosa e inovadora, tão enfatizada pela CAPES e pelo Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicologia, implantado em 2006.1

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTE, Ruth et al. **Educação Biocêntrica** – um movimento de construção dialógica. Fortaleza: Edições CDH, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Editora Moraes, 1980.
- _____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- GOIS, Cezar Wagner. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1983.
- _____. **Vivência: caminho à identidade**. Fortaleza: Editora Viver, 1995.
- _____. **Psicologia Comunitária no Ceará: Uma caminhada**. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2003.
- _____. **Psicologia Comunitária. Atividade e Consciência**. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2005.
- LEONTIEV, Aléxis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. 1ª edição. São Paulo: Ed.Moraes, 1994.
- MARTÍN-BARÓ, I O papel do psicólogo. **Boletim de Psicologia da Universidade Centroamericana** “José Simeón Cañas” (UCA), El Salvador, v.3 n. 17, 99-112, 1985.
- _____. **Psicología de la Liberación** (org. Amalio Blanco). Madrid: Editorial Trotta, 1998.
- MONTERO, Maritza. **Teoría e Práctica de la Psicología Comunitária**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2003.
- _____. **Hacer e transformar**. El método em Psicologia Comunitária. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2006.
- PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Lev S. Vigotski. **Educação e Sociedade**, Campinas – SP, ano XXI, nº 71, P. 45 – 78, julho, 2000.
- PRIETO, Mayra. Humanismo, complexidade e totalidade. O giro epistemológico no pensamento social. In: GARCIA, Regina (org.). **Método Métodos Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ROGERS, Carl. **Sobre o poder pessoal**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- VIGOTSKI, Lev, Semenovich. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, Campinas – SP, ano XXI, nº 71, P. 21 – 44, julho, 2000.
- _____. **Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RELAÇÃO DE ANEXOS

PARECER DO ORIENTADOR

A presente pesquisa tem contribuído bastante para o aprofundamento dos marcos teórico-metodológico da Psicologia Comunitária. É considerada inédita, pois esta temática não foi estudada desta forma no Ceará. Dois objetivos específicos foram cumpridos e a continuação da segunda etapa da pesquisa propiciará o aprofundamento do último objetivo específico e do estudo da Teoria da Complexidade, que surgiu no decorrer da pesquisa.

A utilização de metodologias participativas de pesquisa através das discussões dos alunos da graduação e da pós-graduação foi fundamental para o nível de aprofundamento das reflexões. Esta pesquisa não foi de responsabilidade somente do bolsista PIBIC, mas de todos que participaram e participam deste estudo. A construção dos artigos, as apresentações em encontros/congressos e as produções das dissertações são exemplos desta caminhada. O bolsista resolveu mudar seu tema de monografia e aprofundar algumas temáticas da pesquisa no seu projeto de monografia, algo que não estava planejado.

Fortaleza, 29 de junho de 2007.

Profa. Verônica Morais Ximenes